

A CARREATA (Fictício)

Ele fora proibido de falar em público, mas ainda assim, oito dias depois da decisão judicial, liderou uma carreata e acenou freneticamente aos participantes. Talvez, pelo silêncio imposto, o gesto do aceno parecia mais barulhento que as buzinas. Há um tipo de ruído que não vem do som: vem da coreografia. E naquele meio-dia brasileiro—céu em estado de azul constitucional, o sol batendo uniforme nas cúpulas de Niemeyer como se fossem tímpanos—o que se via era a coreografia de um país tentando traduzir-se por meio de um punhado de punhos cerrados, capacetes brilhantes e bandeiras que, pelo vento do Eixo, insistiam em se confundir com velas de caravela.

O silêncio do líder, de tão no centro, transbordava. Não havia voz, mas havia legenda. Um assessor escreveu no vidro traseiro: “Estamos juntos.” Outro segurava um cartaz com verbo no gerúndio, como se a própria gramática carregasse uma marcha: “Avançando.” Quem esteve já na Esplanada sabe que ali as palavras tendem a se tornar arquitetônicas; ergue-se um adjetivo, atravessa-se um substantivo, repousa-se sob uma colunata de pronomes. Brasília é isso: ideia construída em concreto e vento. E o vento, como todo editor competente, corta os excessos até sobrar uma frase suportável.

Oito dias. Em política, oito dias equivalem a uma estação inteira. Elias Canetti diria que a massa só respira em presente contínuo; Debord lembraria que o gesto substitui o conteúdo; e Arendt, se por ali passasse de chapéu de palha, anotar-se-ia num caderninho a banalidade dos rituais. Mas a crônica é menos severa que a teoria. Prefere observar o vendedor de cocada, que equilibra a bandeja como quem carrega um altar portátil; prefere anotar que a PM montada teve de conter, não o ímpeto da multidão, mas o entusiasmo de um poodle de lacinho verde que, à menor fagulha de buzina, latia em nome da pátria. A pátria, aliás, aceitava latidos.

Do alto da caçamba, ele parecia ter descoberto uma forma nova de oratória: a mímica patriótica. Levantava ambas as mãos—e isso queria dizer “esperança”. Fazia um coração desajeitado com os polegares—“amor”. Tocava o próprio peito—“eu”. Apontava para o horizonte—“vocês”. Sinalizava uma estrada com os braços—“futuro”. Em algum momento, desenhou no ar um círculo—“de novo”. O corpo, esse velho instrumento de tribuna, repetia o vocabulário internacional do populismo sem emitir uma sílaba. E porque não havia frase a ser desmentida, também não havia gafe a ser cometida. No país das delações e dos vazamentos, o silêncio é um cofre.

Os pilotos, com suas motos rutilantes, faziam da Esplanada um corredor polonês de cromado. Passavam pela Catedral, que parecia rezar por eles; pelo Itamaraty, que não piscava; pelo Congresso, que mantinha a compostura bicorne; e, ao longe, o Planalto, sempre com sua pose de camafeu em vitrine, lembrava que todo poder é um retrato oficial esperando legenda. Um menino no canteiro central segurava um papelão escrito com letra caprichada: “Minha mãe pediu paz.” Alguém atrás corrigiu em canetão: “E emprego.” O Eixo Monumental é uma lousa onde cada qual tenta inscrever o que entende por país.

Havia, claro, a economia subterrânea dos atos públicos: o ambulante com camisetas de todos os lados (o varejo da convicção é ecumênico), a senhora que alugava sombrinhas por quinze reais, o rapaz oferecendo adesivo retrátil com promessa de não deixar cola no vidro (quem não quer uma adesão sem resíduo?), o fotógrafo vendendo “instantâneos de cidadania” por vinte a foto. Uma república também se mede em troco miúdo.

Enquanto isso, a mudez do chefe transformava seus olhos em alto-falantes. Eles rodopiavam de um núcleo duro—esse punhado de seguidores que sabe o nome do motorista e a placa do trio elétrico—para a periferia curiosa, aquela gente que, saindo para pagar um boleto, tropeça no país e decide assistir. Numa janela alta de ministério, uma moça filmava com o celular, e a bandeira da sua mesa, minúscula, tremia de ar-condicionado. O vídeo, no futuro, aparecerá com trilha sonora colada, talvez um hino em versão acústica, talvez uma batida eletrônica patrioteira. A internet sabe sonorizar silêncios com a mesma competência com que Brasília inventa horizontes.

Em certo ponto, levantou-se um cartaz: “Falem por ele!” E a multidão falou. Não com frases coerentes, mas com sílabas que se chocavam como carros em rotatória. Buzinas, apitos, gritos de três palavras (o populismo venera o trímetro), orações subitamente interrompidas por selfies, slogans com rimas fáceis que dariam uma marchinha de carnaval se o calendário ajudasse. A multidão encontrou naquele mutismo uma página em branco. É sempre perigoso oferecer páginas em branco a quem tem canetões.

No entanto, a cena tinha ternura. Não a ternura dos bons modos, mas a ternura dos pertencimentos. Um senhor de chapéu panamá, que talvez guardasse em casa assinaturas de jornais extintos, enxugou os olhos: “Eu vi de novo.” De novo o quê? A pergunta ficou no ar como pipa sem dono. Nas democracias afetivas, o passado reaparece como promessa: “Será como antes, só que melhor.” É um futuro no pretérito, um tempo verbal que Brasília flexiona com rara intimidade.

Ao fim, já sem voz porque não a tivera, o homem na caçamba ergueu os braços como quem devolve o corpo ao povo. Foi então que o alto-falante, traído por uma interferência, disparou um chiado que soou a metáfora: por um segundo, todos

acreditaram que ele falaria. Não falou. O chiado cessou, e o coro dos que o cercavam tomou a frente com palavras gastas e certas, palavras que, se tivessem cheiro, cheirariam a tinta fresca sobre cartolina úmida. O poder, por vezes, é isso: um chiado cuja ausência reorganiza as esperanças.

Ao dispersar, ficou a poeira baixa das motocicletas, uma poeira que faz camadas invisíveis nas folhas dos ipês e nos corrimãos dos ministérios. Ficaram também as pequenas invenções da manhã: uma criança que aprendeu a diferença entre carreta e motocicleta; um fotógrafo que descobriu seu melhor ângulo; uma vendedora que esgotou o estoque de água morna; um poodle que latiu por todos nós. E ficou, sobretudo, a lembrança de que a cidade—desenhada para que as instituições conversassem entre si—segue acolhendo quem prefere dizer com o corpo o que não ousa registrar em ata.

No oitavo dia, descansou-se da fala e trabalhou-se o gesto. Talvez a história, lá adiante, escreva que foi nesse intervalo, nesse silêncio que estalava, que um país inteiro se olhou num retrovisor e, por um segundo breve, se reconheceu. E seguiu, acenando para si mesmo, como quem promete: “Da próxima, eu falo.” Até lá, a crônica fica com as mãos—essas bocas antigas que sabem dizer o que a garganta, por acordo, cala.